



Reforçar vínculos entre os sujeitos e fortalecer a autonomia da escola para enfrentar a pandemia¹

Iracema Santos do Nascimento²

No município de São Paulo o ano letivo se iniciou em 5 de fevereiro. Em função da pandemia causada pelo coronavírus, em 23 de março a Secretaria Municipal de Educação (SME) decretou recesso para as escolas da rede, previsto para terminar em 3 de abril e, depois estendido até 9 de abril. Nesta data, quinta-feira, véspera de um feriado católico, a SME divulgou a Instrução Normativa nº 15, anunciando o retorno das atividades escolares (a distância) a partir de 13 de abril, convocando os profissionais da educação para o retorno ao trabalho (parte deles presencialmente) e anunciando uma série de medidas para viabilizar o atendimento educacional nas unidades da rede.

E agora, Marias? - Angústias invadiram as educadoras da EMEI Nelson Mandela, localizada no bairro do Limão, zona noroeste da capital paulista, quando o distanciamento social se impôs. Elas ficaram divididas entre a necessidade de cuidar da própria saúde e a de continuar atendendo à comunidade.

“A gente ficava dividida entre fazer o que era importante para a comunidade e o que era importante para nós. A gente tentou se organizar de um jeito que não prejudicasse o coletivo. Eu parei numa quarta-feira e outras duas professoras da manhã também pararam de ir e a gente foi conversando para diminuir o impacto disso para quem permaneceu na escola. Foi difícil fazer essa escolha entre o profissional e o pessoal”, contou a professora Lenize Riga, que faz parte do grupo de risco.

¹ O texto foi escrito a partir de uma reunião de duas horas, entre a docente da universidade e 10 integrantes da equipe da EMEI, realizada em 5 de maio/2020. A versão inicial escrita pela docente foi corrigida e complementada pelas professoras da escola. Participaram da reunião: Alice Gomes Signorelli, Ana Cristina Godoy, Ângela Rezende, Carolina Hamburger, Jaqueline Rinaldo, Lígia Chiavolella, Lenize Riga, Marina Basques, Priscilla Lima e Solange Miranda.

² Profa. Dra. Universidade de São Paulo – USP. E-mail: iranasci@usp.br.



O recesso naquele momento teve um efeito especialmente negativo na educação infantil devido ao período de adaptação das crianças à escola, que estava em andamento. “Estávamos saindo de uma adaptação; a primeira tinha acontecido antes do carnaval, que já interrompeu a dinâmica da escola. Quantas adaptações teremos nesse ano?”, diz Ângela Rezende, professora coordenadora, que iniciou seu trabalho na unidade no começo de 2020. “Ninguém estava preparada para o recesso forçado. De repente veio a notícia de que as escolas iriam fechar. Isso causou um medo grande no grupo, medo com a própria saúde, medo sobre o que fazer”, complementa.

As profissionais da escola estavam intensamente dedicadas à preparação do ambiente para receber a família Abayomi, um conjunto de bonecos, figuras de afeto, que há alguns anos integra a “família mandelense” e que, ao retornar das férias, funciona como elemento disparador para o início do desenvolvimento dos projetos de cada turma, após o período de adaptação das crianças à escola. A interrupção repentina do trabalho, nesse ponto, causou grande frustração não só para as crianças, mas também entre as educadoras.

“A equipe ficou frustrada com a ruptura, porque dedicou muita energia no início do ano à acolhida e adaptação das crianças, quando fazem os combinados, etc. Tudo isso tinha sido feito e estavam prontas para iniciar o projeto didático com o retorno da família Abayomi. As crianças estavam em grande expectativa pela chegada, principalmente as que ingressaram em 2020, pois ainda não conheciam a “família””, conta a professora Carolina Hamburger.

Autonomia de decisão e ação

Engajada em um projeto político pedagógico (PPP) autoral, que tem garantido coesão ao trabalho mesmo com mudanças no grupo de profissionais, a equipe da EMEI desenvolveu autonomia suficiente para não esperar por determinações vindas da administração do sistema. “Ainda durante o recesso, quando não havia nenhuma obrigatoriedade de realização de atividades, o grupo conversou e considerou importante manter o vínculo com as crianças. E



que essa manutenção do vínculo dialogasse com o projeto da escola. Então, as professoras começaram a pensar em ações a distância que garantissem o vínculo com base no projeto”, relata a professora Jaqueline Rinaldo, que assumiu a direção da escola no início de 2020, via concurso de acesso, vinda de outra unidade, onde era diretora desde 2010.

Assim, a preocupação com a manutenção do vínculo das crianças com a escola, que na educação infantil deve ser compreendido como conteúdo, foi o elemento que impulsionou as ações da equipe. Diante da imposição do afastamento físico, elas decidiram intensificar o uso de estratégias de comunicação, que já utilizam há muito tempo: as redes sociais. Dar publicidade às suas ações pedagógicas por meio de canais digitais é um dos princípios do PPP da escola, desde que, em 2011, se iniciou o trabalho de implementação da Lei 10.639/2003³, com um currículo comprometido com a igualdade racial. Naquela época, a então diretora Cibele Racy criou um *blog*⁴ que se tornou um tipo de repositório do histórico da escola, quando ainda tinha outro nome. A escola chegou a usar uma das primeiras redes sociais a se tornar popular no Brasil, o *Orkut*. Depois migrou para o *Facebook* e mais recentemente, em 2019, passou a utilizar também o *Instagram*.

Novos canais, novas linguagens: temores e desafios

No entanto, tais canais eram utilizados “apenas” como portfólios virtuais, para mostrar para as famílias, para a comunidade escolar de forma mais ampla e demais pessoas interessadas o que a escola fazia em suas ações presenciais, com o objetivo de usar esses veículos para estabelecer maior integração e aproximação entre a escola e a comunidade. Para isso, na divisão de trabalho, uma ou outra profissional se voluntariava para produzir e lançar as postagens. Desde o início de 2020, por exemplo, duas docentes se dispuseram a atualizar

³Modificou a LDB, pela adição do artigo 26A, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira na educação básica. Em 2008, a Lei 11.645 adicionou ao mesmo artigo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena.

⁴ [http:// http://emeigualopes.blogspot.com/](http://http://emeigualopes.blogspot.com/)



os perfis de *Facebook* (EMEI Nelson Mandela 2020) e *Instagram* da escola (@emeinelsonmandela), nos períodos da manhã e da tarde.

Utilizar esses instrumentos para propor atividades para as crianças em tempos de quarentena tem sido um grande desafio para toda a equipe. Primeiro, porque mudou a relação das professoras com esses meios. Se antes eram apenas retratadas, se apareciam em algumas cenas (fotos ou vídeos) em que as protagonistas eram as crianças, agora precisam, não só elas mesmas produzir mensagens, como, também, “mostrar a cara” nos vídeos.

Admite a professora Priscilla Lima: “Acredito que todo mundo aqui nesse grupo teve pelo menos um momento em que entrou em conflito quanto à produção desses vídeos. A gente sempre usou o *Face* e o *Insta*, mas sempre com imagens das crianças. A gente nunca teve o hábito de colocar nossa cara na Internet, a intenção era outra. Então, todo mundo teve de, pessoalmente, travar essa luta interna para aceitar a nova configuração de nossa profissão nesse momento. Isso ainda retorna de vez em quando, nem todos os dias são fáceis, nem todos os vídeos são fáceis de gravar”.

E a professora Lígia Chiavolella confidencia: “No começo eu falei que queria participar, mas não conseguia gravar vídeos. As meninas iam gravando, eu assistia, achava lindo, mas eu não conseguia. Tanto que meu primeiro vídeo foi um boneco de apoio, era eu manipulando o boneco o vídeo inteiro e no final dei um “oizinho”. Foi parte das estratégias que a gente foi procurando para encarar as câmeras, cada uma de um jeito”.

Mas, a decisão de aparecer na tela, falando em primeira pessoa para suas turmas, foi motivada pela percepção de que as crianças queriam ver suas professoras. Ao observar as respostas das crianças (por meio dos adultos) às postagens da escola nas redes, a equipe percebeu novamente a necessidade de reforçar os vínculos. “É muito interessante perceber como as crianças querem falar com suas professoras. Elas enviam beijos e manifestam saudades da professora. No vídeo em que uma determinada professora aparece, os comentários são das crianças e famílias daquela turma. Parece-me que é muito importante para as crianças verem a professora delas, que é com quem elas já



estabeleceram um vínculo”, explica Marina Basques, professora que em 2019 exerceu a função de coordenadora.

Professor não é *youtuber*

Sobre esse ponto é importante destacar que na EMEI NM o grupo decidiu respeitar a individualidade, o tempo, o desejo e as limitações de cada profissional. A professora Solange Miranda, que também já foi coordenadora pedagógica da escola entre 2017 e 2018, relata que tem assistido nas redes materiais que são vexatórios. “É preciso tomar cuidado e respeitar a individualidade da professora. Fazer algo contra o que se é não deixa de ser uma violência. Na nossa escola a gente procura respeitar isso. Quem quer aparecer, aparece. Quem não quer, não aparece, mostra só as mãos, por exemplo. Outros grupos de outras escolas podem estar sofrendo”. Para ela, é preciso verificar em que medida a obrigatoriedade por parte da SME não impõe uma certa violência sobre as professoras. “Professor não é *youtuber*. Num dos vídeos que assisti dava para ver que a professora não queria estar ali, fazendo aquilo. E, ainda, foi postado. Qual será o impacto sobre as crianças?”, reflete.

Outro desafio é dominar um mínimo da tecnologia de produção dos vídeos. Sem qualquer apoio da SME quanto à formação para o uso de tecnologias digitais, a equipe da EMEI foi observando materiais produzidos por outras escolas, experimentando, improvisando, avaliando aspectos como iluminação e som nos primeiros vídeos e ouvindo as orientações e dicas das colegas mais experientes. Essas são as responsáveis por editar os materiais. Elas supõem que a presença de pessoas mais jovens na equipe facilita essa disposição para o uso de novas tecnologias. Das 19 professoras da EMEI, sete estão na faixa etária entre 25 e 35 anos de idade. A SME também não forneceu apoio financeiro para a aquisição de materiais. Uma docente comprou, com recursos do próprio bolso, alguns equipamentos como tripé, luz e microfone, para melhorar a qualidade técnica da produção.



Resposta das crianças e famílias

Desde o dia 23 de março, quando se iniciou o recesso, a EMEI já postou em suas redes 31 vídeos. Excluem-se dessa conta aqueles que são mais informativos ou que rememoram ações realizadas no passado. Portanto, consideram-se os que propõem algum tipo de interação ou resposta por parte das famílias. E, como tem sido a reação delas?

De acordo com a professora Marina Basques, as famílias enviam fotos e vídeos das crianças, nem sempre respondendo à proposta da escola, mas, às vezes, contando algo de sua própria iniciativa. Até mesmo famílias de crianças que já não são mais alunas da escola enviam contribuições. No entanto, em termos de quantidade, a participação ainda tem sido insuficiente. Um vídeo⁵ de 2'43", postado em 28 de abril, que ensina a fazer peteca e mostra as influências de diversas etnias indígenas na criação desse brinquedo na cultura brasileira, tinha recebido, até 7 de maio, 931 visualizações, 43 curtidas, 13 comentários e 12 compartilhamentos no *Facebook*. Pode ser considerado um número expressivo, mas não é possível saber com exatidão quantas dessas interações foram realizadas pelas famílias das 212 crianças matriculadas.

Embora ainda não tenha feito um levantamento preciso, preocupada em estender o alcance das postagens para o maior número de famílias possível, a equipe preparou um questionário que começou a divulgar no dia primeiro de maio, procurando saber como as atividades estão alcançando as crianças e famílias, além de verificar suas condições sociais. Até 5 de maio, havia 61 respostas ao formulário, isto é, menos de 30% do total de famílias da escola. "A parcela pequena de respostas talvez tenha a ver com o processo de adaptação não concluído. A gente ainda estava conhecendo as novas famílias, as dinâmicas das relações familiares. É tudo muito complexo para em dois meses alcançar as famílias, a ponto de ter uma abertura entrar na casa delas", supõe a professora Lenize Riga.

⁵<https://www.facebook.com/emeinelsonmandela/videos/706991466736254/>



A equipe também tem buscado outras formas de comunicação para facilitar e ampliar o contato com sua comunidade. Uma tentativa foi a criação de uma conta corporativa de *WhatsApp*, que permite utilizar o número da linha fixa da escola, mas requer um aparelho celular. Várias escolas solicitaram à SME autorização para utilizar suas próprias verbas para comprar um celular, uma necessidade nova nas atuais circunstâncias. A diretora Jaqueline comentou: “Não tivemos autorização para comprar aparelho celular, *chip*, *notebook*, nada disso. Quem está conseguindo fazer as coisas é com seu equipamento, com sua internet. Então, fiz no meu aparelho”. Segundo ela, desde que o número de *WhatsApp* foi divulgado, a maioria dos contatos foi para tirar dúvidas sobre o cartão alimentação. Isso talvez revele que para parte das famílias há necessidades mais prementes agora do que as atividades escolares.

Algumas aprendizagens

As educadoras da EMEI Nelson Mandela têm se dedicado a refletir sobre os desafios e as aprendizagens do momento atual. Reconhecem que, curiosamente, a Internet tem proporcionado maior proximidade entre a equipe. Antes, nem todas as professoras podiam participar da mesma reunião pedagógica, que era realizada em dois turnos pela diferença de horários. Agora estão tendo reuniões semanais com todas as professoras juntas no mesmo momento. Além disso, dividiram-se em subgrupos de trabalho para a produção das postagens, procedimento que também favorece a aproximação. “Estamos conversando mais, divididas em grupos diferentes dos nossos grupos de turno. Estamos conseguindo falar sobre mais coisas que talvez na correria do dia a dia não fosse possível”, avalia a professora Ana Cristina Godoy.

A principal aprendizagem, entretanto, é a de que “tem coisas na escola que são insubstituíveis”, como lembra a professora Alice Gomes Signorelli. “O que fica mais forte nesse momento é o quanto a gente precisa valorizar a escola. Uma grande amiga nossa, Clelia Rosa, costuma dizer que educação é



relação e acreditamos muito nisso. O que a convivência proporciona, nada pode substituir”, resume.

Para saber mais: Assista ao vídeo⁶ da “Carta Aberta das Educadoras para a Comunidade da EMEI Nelson Mandela”, publicada nas redes sociais da escola em 22 de abril.

⁶<https://www.facebook.com/2216883291679523/posts/3156580401043136/?vh=e&d=n>